

# Candangolândia não tem rede de esgoto

Quem passar pelo ParkShopping ou Jardim Zoológico, saída Sul do Plano Piloto, poderá ver logo à esquerda, a Candangolândia — um aglomerado de barracos onde vivem cerca de 15 mil pessoas — sem rede de esgoto mas repleto de ruelas lamacentas e crianças descalças. Ali começa o Núcleo Bandeirante de hoje, com algumas diferenças e grandes semelhanças ao que era anteriormente: um dos primeiros alojamentos dos operários que construíram a capital do Distrito Federal.

JK prometeu recompensar os pioneiros que aqui chegaram com a escritura de um lote para morar, depois de 25 anos, a promessa não foi cumprida. O desabafo partiu do mais antigo operário que fesse ainda hoje no seu barraco de madeira, com tábuas dispostas horizontalmente, o carpinteiro Aristides Ramos Vasconcelos, na Vila Metropolitana, outro pedaço do Núcleo Bandeirante, que além da área central — a tradicional, onde a especulação imobiliária encontra mercado promissor — reúne a Candangolândia e a Vila Divinéia.

Mas a Metropolitana acaba de ser beneficiada com uma ponte, logo ao lado da casa de Aristides Ramos, de madeira, para pedestres, que o espirotooso administrador Raimundo de Aquino, durante a inauguração, batizou de boka-Loka, por ter bordas pintadas de vermelho carmim, permitindo a ligação à Vila Divinéia, sobre um injecto correto de esgotos.

Por sua vez, Vila Divinéia, segundo o administrador, vai muito bem: 80% de sua área está urbanizada, outra parte recebendo beneficiamentos visando ao melhoramento local, quase pronta, concluída a iluminação pública, mas a

principal reivindicação dos moradores — uma rede de esgotos — está condicionada ao prometo de "despoluição da bacia do Paranoá" e, consequentemente, por fazer.

Neste sentido, um orçamento de aproximadamente oito milhões de cruzados, do GDF, será empregado para substituir o sistema de fossas sépticas, disse Raimundo de Aquino, somente a partir do próximo ano.

Apesar das reclamações do pioneiro Aristides Ramos de que "agora está pior do que antes, quando as emas botavam lotes de até quarenta ovos, siriemas, tatu/canastra e codornas viviam no cerrado", ressentindo ainda a falta de açougues e farmácias que fecharam, o administrador declarou que em um ano e meio fez muito mais por Metropolitana do que foi feito nos últimos dez anos. Construiu um estádio com capacidade para 30 mil pessoas onde funcionava a antiga sede do Grêmio Esportivo e um Centro Comunitário, enumerou. Neste último, a primeira dama do Núcleo bandeirante, Maria Aquino, como representante local da PAS, promove cursos de trabalhos manuais, entre outros, com o apoio da LBA.

Também na Candangolândia ninguém pode reclamar. Todos têm a sua casa, construída em um lote de 120m<sup>2</sup> e uma escola de 1º grau com 1050 vagas, duas quadras polivalentes completamente iluminadas. Mas, no Bar da Dalvinha, localizado na via de Penetração, a única pavimentada que leva até a Igreja São José, toda de madeira, a freguesia entre outras coisas, reclama quebra-molas para os carros que transitam em valta velocidade. E por lá permanece ainda uma injustiça: "A

turma que trabalha no zoológico come os bichos e nos é que levamos a fama".

Candangolândia tem ainda um Posto de Saúde e uma Feira Livre, que atrai gente até do Plano Piloto, com a oferta variada de produtos artesanais e alimentícios.

Comemorando os seus 25 anos de existência, o chamado "tradicional" do Núcleo Bandeirantes pode ser facilmente identificado pela moderna sede da Administração regional e por barracos de madeira, reminiscências do pioneirismo, também com tábuas dispostas na horizontal, uma espécie de marca registrada de velhos tempos. Sufocados entre prédios que variam de 2 a 5 pavimentos, alguns ainda resistem à especulação imobiliária, onde apartamentos de dois quartos chegam a ser vendidos por 250 mil cruzados. No tradicional o comércio que vem se diversificando nos últimos tempos, saindo da linha de abastecimento para as de costura, em novas confecções de roupas, apresenta porém um denominador comum: o atacado.

E o Arroz Mutirão é hoje um próspero negócio, com cinquenta funcionários, abastecendo os supermercados do Distrito Federal com o arroz Mutirão e Tio Max, responsável por 75% de suas vendas. O proprietário, Alexandre Pereira da Silva se recorda com saudade do tempo em que, vindo de Paracatu-MG, chegou à Brasília com o pai, Abel Pereira da Silva, em 1957 — ainda menino — dando início ao Armazém Cristal.

Bolinhas de gude, grampo de cerca, querosene e gêneros alimentícios eram indiscriminadamente consumidos pelos moradores. Havia outros armazéns similares, que acabavam mesmo ven-

dendo ao atacado para os operários de empresas que construíram Brasília. Abel morreu e o Armazém Cristal fechou há cinco anos. Neste espaço de tempo os negócios evoluíram e a firma Cereais Mutirão alçou vôo em direção a maiores lucros, tendo como um dos maiores compradores, o Carrefour, próximo ao ParkShopping.

Alexandre Pereira, que também é presidente da Associação dos Beneficiários de Arroz, Feijão e Milho do Distrito Federal e membro da Associação Comercial, responsabiliza a falta de espaço para galpões maiores pelo comprometimento da principal característica do comércio local — o atacado. O tamanho (limitado de lotes impede o crescimento dos estabelecimentos que tendem a se deslocar para outras cidades satélites e do entorno. Como sugestão ao GDF ele defende a criação de um setor de depósitos, a exemplo de outros existentes, pra que seja preservado o perfil comercial do Núcleo Bandeirante.

Almoxarifado de Brasília no período de sua construção, a antiga Cidade Livre — pois os que ali chegavam se estabeleciam da forma que bem entendiam — tornou-se cidade satélite com a lei 4020 de 20 de dezembro de 1961, embora os primeiros pioneiros tenham começado a chegar em 19 de dezembro de 1956.

Mas segundo os moradores, histórico mesmo no Núcleo Bandeirante é o padre Roque, na sua inconfundível batina negra, que a passos largos e de maneira energética defende a caminhada de suas ovelhas. A matriz de Dom Bosco, até hoje com muita coisa por fazer, conforme frisou e sintoma de que "ele não tem tempo para perder".